

GNOSE E ROMANTISMO I

Por que o Romantismo? Porque ele provocou no século passado uma explosão prodigiosa de Gnose em um mundo intelectual abalado pela Revolução Francesa. Este movimento literário surgiu dos países protestantes, Inglaterra e Alemanha, em um ambiente cultural dominado pelos herdeiros dos humanistas do Renascimento, os Rosacruz e seus sucessores, os Maçons. O Romantismo, na França, foi uma importação estrangeira, vinda principalmente da Alemanha. Mas as mentes já estavam prontas para recebê-lo devido ao vazio cultural cavado durante a Revolução. Os poucos escritores independentes e reflexivos que deveriam ter provocado uma saudável reação contra-revolucionária também estavam impregnados da ideologia e da fraseologia maçônica.

Nós vimos isso em relação aos tradicionalistas, especialmente em Joseph de Maistre. Em seu retorno à “Tradição”, eles ensinaram verdades do bom senso, uma crítica judiciosa dos excessos da Revolução, do regime democrático, um retorno à ideia monárquica e à fé católica; mas tudo isso misturado a erros metafísicos fundamentais sobre o papel da razão, sobre a natureza da alma, sobre a origem do pensamento e do idioma, erros retomados às divagações de Claude de Saint-Martin e de Fabre d'Olivet, esses “gnósticos da Revolução”, como foram justamente chamados. Este movimento de retomada intelectual e moral, assim fortemente desfavorecido, durou pouco, como se devia esperar.

E os jovens escritores da nova geração, entusiastas admiradores de Maistre, Chateaubriand e Lamennais, foram reconquistados em dez anos pela ideologia revolucionária. A partir de 1830, todos passaram ao Povo, à Democracia, à Liberdade e terminaram na adoração de Lúcifer, ponto de conclusão obrigatório de sua evolução intelectual. Claro, ao longo do caminho, eles foram “recuperados” pelos mestres do pensamento revolucionário que souberam escolher muito bem esses homens talentosos para cercá-los, bajulá-los, garantir-lhes a glória literária e prepará-los habilmente para esse retorno ofensivo da Gnose que foi o Romantismo. É isso que vamos expor.

Goethe

Nunca se pode exagerar a influência de Goethe sobre todo o Romantismo francês. Seu herói Werther[1], irmão mais velho de René, criou um mundo e se tornou um modelo. Ele foi o mestre de todos os desesperados. Ele causou estragos incalculáveis na primeira geração romântica. Seu tema da desesperança deveria culminar em seu desfecho natural: o suicídio.

Nascido em 1749, o autor de *Fausto*[2] viveu a segunda metade do século XVIII, sob a influência direta dos enciclopedistas e precedeu em uma geração o movimento romântico. Portanto, ele foi seu mestre e Théophile Gautier, por sua vez, guardou uma lembrança afetuosa do “tempo maravilhoso em que se iniciava nos mistérios do *Fausto* de Goethe, que contém tudo, segundo a expressão de Madame de Staël, ao mesmo tempo que algo além de tudo...”

Goethe é o modelo do “perfeito” gnóstico. Ele recebeu sua formação – completada pela da Maçonaria – e difundiu os grandes temas gnósticos em todo o movimento intelectual da Alemanha que foi resumido na fórmula “*Sturm und Drang*”[3]. Ele mesmo se definia como um “*Stürmer*”[4], sentia uma poderosa agitação dentro de si:

“O universo, diz Werther-Goethe, o universo ao meu redor e o céu repousam em minha alma como a forma de um ente querido.”

Sua primeira formação gnóstica veio de uma mulher mais velha, Suzanne de Klettenberg, que instalou em sua casa um forno com matrizes e alambiques, à procura dos arcanos da Grande Obra. Foi ela quem providenciou ao jovem Goethe o *Opus Mago-cabbalisticum* de George Welling, o alquimista famoso da época; depois ela lhe ensinou a *Ars brevis* de Raymond Lulle, as obras de Paracelso, Van Helmont, Valentin, *Aurea catena Homeri*, etc. É por isso que Goethe é herdeiro dos humanistas do Renascimento e dos alquimistas rosacruzes do século XVII. Segue-se uma linhagem direta com a Cabala judaica. Ele foi aluno do hebraizador Herder. Ele leu Giordano Bruno, discípulo de Pitágoras e Raymond Lulle, que foi queimado em Roma, em 17 de fevereiro de 1600.

Ele mesmo definiu sua religião em suas memórias:

“Ouvindo dizer frequentemente que cada um acaba tendo a sua, nada me pareceu mais natural do que trabalhar por minha vez para forjar a minha. Me entreguei a essa operação com muito empenho. O platonismo me forneceu a base, minhas pesquisas teúrgicas e cabalísticas também contribuíram para o edifício de minha doutrina, cada um por sua parte. Assim construí um universo bastante bizarro.”

Ele se congratulou então por ter construído bases sólidas para “a pirâmide de sua existência”, como escreveu a Lavater em 1780. Seu único desejo era, dizia ele, elevá-la “o mais alto possível”, após ter alcançado “o ponto culminante do Verdadeiro”, todas as expressões tiradas do pitagorismo. Sua religião, ele não a forjou, como diz, ao contrário, ele a recebeu toda pronta da tradição gnóstica e limitou-se a desenvolvê-la em toda sua obra literária.

Além disso, Goethe foi um maçom militante e apaixonado por toda a sua vida. Em 1780, ele se filiou à loja de Weimar. Em 1783, ele entrou na ordem dos Iluminados de Weishaupt. Seu amigo Bode era um maçom de alto escalão e um conspirador zeloso. Ele foi um Rosacruz. Estes últimos afirmam penetrar profundamente os mistérios da natureza, com a ajuda de uma luz interior. Eles recorrem a isso para métodos mágicos. Em sua obra *Os Mistérios*, Goethe nos mostra o jovem peregrino Marc penetrando no convento dos Mistérios. Ele encontra cadeiras esculpidas, pódio, sala do Capítulo, como em uma loja, no centro, o velho monge-soldado Humanus. A cruz domina a sala, mas está sepultada sob uma grande quantidade de rosas.

A essência do pensamento de Goethe é um panteísmo generalizado. A Natureza para ele é um Super-Deus que se transforma em deus Pan, em um ser infinito e perfeito. Ele a chama de Feminino Eterno, onipotência criadora do divino, o Destino, o Eu do pensador-poeta que absorve a vida total do Universo, o Pai, o Tornar-se, o Instante que contém a Eternidade. ... A alma pessoal e o divino são uma só...

“Como tu estás aqui, ó Deus, também Eu, estou sempre diante de ti, presente em tua presença. Como tu completas teu coração, neste momento, assim tu te completas em Mim e por Ti.”

Goethe abusa da Natureza maiúscula:

“O Natur... Wo du Engel, wo du bist Natur, wie leuchtet mir die Natur!”[5]

A grande fórmula de Goethe é: “*Stirb und werbe*”. Morra e depois torne-se! Lance-se, portanto, na morte e você se tornará divino, um super-homem; você mergulhará em um abismo de mistério e glória, percorrerá o Tornar-se através do infinito do tempo e do espaço. Ah! se você soubesse os prazeres que se desfrutam no fundo das águas, você se precipitaria imediatamente. Este é o tema do Rei de Thulé. A taça que mergulha no oceano, ressurge à superfície das águas e mergulha novamente para desaparecer no Grande Tudo, não é o símbolo do ser humano que mergulha para se unir eternamente com a divindade e se tornar Deus?

“Tu não permaneces mais envolvido
Na sombria escuridão (é o corpo)
E te enche de novo desejo
Para uma união mais elevada.
Nenhuma distância te impede
Tu corres, alado e extasiado
E finalmente com sede de
Luz Mariposa, você é queimado.
E enquanto você não tem
Este ‘Morra e Torne-se’
Você é apenas um hóspede pálido
Na sombria terra.”

Trata-se, sem dúvida, de um chamado ao suicídio. O homem, pobre tipo infeliz e pálido, se torna, por seu sacrifício livre, um super-homem radiante, um demi-deus, o que estou dizendo? um deus “queimado pela Luz”. Vamos resumir o problema: se Deus existe, tudo depende dele e eu sou nada fora de sua vontade. Se ele não existe, tudo depende de mim e eu estou obrigado a afirmar minha independência. É me matando que afirmo minha independência de maneira mais completa. Eu

estou obrigado a me queimar o cérebro. E por minha morte, eu finalmente obtenho minha divinização.

“Estou certo”, disse Goethe a Jan Falk em 1813, “de ter sido mil e mil vezes como você me vê aqui e espero voltar mil vezes mais.”

A morte, portanto, é uma retomada de contato com a matriz universal, para um renascimento no mundo terrestre. A morte é o retorno à Unidade do Grande Todo. Goethe foi simultaneamente ou sucessivamente ocultista, neoplatônico, teosofista e panteísta como Spinoza. Ele também adorava o Sol, a Ciência e a Poesia. Ele ornamentou sua sala com uma máscara da deusa Juno, “o Feminino Eterno”, e seus visitantes tinham que se inclinar ritualmente diante da deusa soberana de sua casa. Goethe sempre afirmou-se como poeta-filósofo, cuidando de explicar que sua filosofia continha e dominava sua poesia, reduzindo-a ao papel de modesta serva.

O mito de Fausto

O poema de Fausto deu o sinal de uma imensa revolução na poesia romântica. Ele se destaca do céu, grandioso e dominador. Marca a entrada de uma estrada gloriosa, pontilhada de obras-primas, a poesia a serviço da filosofia satânica! Um simbolismo que se emprega em suprimir o inferno, libertar almas danadas, libertar Satanás. Em toda a sua vida, Goethe se empenhou em abolir a consciência do pecado. De fato, pela consciência do pecado, os homens se tornam seres dignos de pena, moles, desencorajados, impotentes; eles se abismam na dor e amaldiçoam o mundo. Jesus Cristo tinha dito: “Que aquele que quer ser meu discípulo renuncie a si mesmo.” Goethe passou a vida amando a si mesmo, celebrando seu Eu, divinizando-o.

Fausto tenta, pela magia, vislumbrar em um clarão o fundo absoluto do Ser, objeto de seus votos:

“Ah! Que delícias inundam de repente todos os meus sentidos com esta visão! A sagrada embriaguez da vida reacende em mim e jorra como uma lava ardente em meus nervos e minhas veias. Um deus terá traçado esses sinais que acalmam em mim a tempestade, que enchem meu coração de felicidade e fazem surgir ao meu redor, em um impulso cheio de mistério, as forças desveladas da Natureza? Sou um deus? Onde te agarrar, Natureza infinita? Onde agarrá-las, mães, fontes de toda vida, às quais terra e céu estão suspensos, vocês para quem se precipita o peito murchado? Você escorre, você sacia. Devo definhar em vão?”

Fausto preparou a bebida que lhe permitirá atingir o fundo do Ser. Ele exclama:

“Desça agora, saia de sua velha bainha, pura taça de cristal. Aqui está um suco que logo embriaga. De uma onda marrom ele enche a cavidade. Que esta bebida que preparei, que escolhi por último, seja agora de toda a minha alma, como uma alta saudação de festa realizada pela manhã. Eu te saúdo, frasco único, extrato de todas as forças mortalmente sutis.”

Fausto pensa estar morrendo. Pensa no suicídio-sacrifício que permite lançar-se no seio de Deus:

“Uma carruagem de fogo, exclama ele, paira em direção a mim sobre asas leves. Sinto-me pronto para penetrar, através do Éter, em um novo caminho, em direção a novas esferas de atividade pura. Tenha coragem. Eis o momento de provar, por atos, que a dignidade do homem não cede à grandeza divina, de não tremer diante dessa caverna sombria na qual a imaginação se danifica por seu próprio tormento, de se estender em direção a essa passagem em torno da estreita boca da qual flameja o Inferno inteiro; de se decidir alegremente a esse passo e, mesmo que com perigo, espalhar-se no nada.”

De fato, é preciso uma coragem sombria para sair de sua velha bainha, para lançar sua taça de cristal, isto é, sua alma, na estreita boca da caverna sombria e lançar-se “alegremente” no nada.

Felizmente, Mefistófeles está lá. Ele é o delegado onipotente e até mesmo oficial do Espírito da Terra (“*Erdegeist*”); é até mesmo o mais poderoso dos deuses, em honra do qual Goethe queima algum incenso. O Espírito da Terra é o deus cujo pensamento anima todos os titãs revoltados, Tântalo, Prometeu, todos os “*Stürmer*”, até mesmo Goethe. Mefisto é o mensageiro. Deus o usa para promover o Bem. Goethe afirma que o demoníaco é uma das faculdades e atributos do Ser Supremo. Poderes misteriosos animam a natureza “visível e invisível”, intervêm na vida íntima dos indivíduos, onde desempenham o papel do destino. São os demônios que formam “com o mundo a trama e a corrente do tecido do universo”. Além disso, “quanto mais elevado é um homem, mais ele está sob a influência dos demônios”.

“Eu nunca odiei os iguais”, diz o Senhor a Mefistófeles. “Entre os espíritos que negam, o espírito de astúcia e malícia me desagrada menos do que todos. A atividade do homem fica frouxa com muita frequência. Ele tende à preguiça e gosto de vê-lo com um companheiro ativo, inquieto e que pode criar, se necessário, como o diabo.”

Satã é a encarnação do Mal, mas é útil à humanidade; é uma peça indispensável no mecanismo da Totalidade do Universo, é um aristocrata do Espírito. Ele pertence positivamente à divindade.

No final do poema, Fausto entra triunfalmente no Paraíso, mas sem ter formulado o menor arrependimento de seus feitos e atitudes após a vida que se sabe. A música dos anjos celebra a

beleza moral daquele que Goethe designou como a própria Pureza, a pureza no pecado, claro, já que para Fausto, tudo é belo, puro e divino.

“É o mais belo poema”, diz Ernest Lichtenberger, “o maior, o mais profundo da literatura alemã, a criação mais poderosa e original, a maior tragédia que o gênio alemão produziu, é a Bíblia da Alemanha, é a obra mais considerável de toda a poesia moderna, o maior poema do século... É, no sentido mais elevado da palavra, uma Revelação.”

“Sou um deus?”, pergunta-se Fausto. “Torno-me tão lúcido, eu que desfrutava de meu Eu no esplendor do céu e na claridade e que havia despido o Filho da Terra, eu, mais que um querubim, eu cuja força livre, cheia de pressentimentos, já tinha a presunção de fluir através das artérias da natureza e, criando, desfruta de uma vida divina.”

Fausto-Deus, Fausto diretor do Universo, mestre de cerimônias na descida ao Inferno.

O Romantismo alemão

O Romantismo desenvolveu-se primeiramente na Alemanha, onde encontrou um terreno todo preparado para sua expansão. De fato, a Reforma Luterana havia destruído, por sua explosão violenta, toda a moralidade cristã, havia dissolvido toda a doutrina. O próprio Lutero havia dado o exemplo das piores torpezas. Quando se uniu à ex-religiosa Bora, declarou perante o mundo que seu pecado fazia chorar os anjos do céu e rir os demônios do inferno. Ele havia dado ao landgrave de Hesse conselhos escandalosos; ele havia arrastado na lama o celibato dos padres e os votos monásticos. Em suas horas de tentação, ele tinha o costume de dizer que não sabia mais se Deus era o diabo ou se o diabo era Deus. Que importância, afinal, já que o homem, entregue a si mesmo, só tem que seguir seus instintos e que Deus absolve todas as torpezas. Não é melhor seguir sua natureza? Goethe encontrou-se, portanto, com Lutero ao cantar o “*sequere Naturam*”. Ele havia captado as forças de destruição, colocadas em movimento por Lutero, e as havia dobrado de violência revolucionária. Daí um amálgama de paganismo e panteísmo que ele havia vulgarizado tão poderosamente.

Após sua morte, Goethe tornou-se o ídolo dos alemães. Na alta sociedade judaica de Berlim, viu-se formar um verdadeiro culto a Goethe. Friedrich Schlegel oficiava nesta pequena capela. Bettina Brentano “ajoelhava-se em Goethe”, diz-nos Sainte-Beuve, em seus *Lundis*.

Esta é a hora do Romantismo alemão. Os primeiros se chamam Novalis, Schleiermacher, Schelling. Eles anunciam uma “nova Igreja”, um cristianismo integral no qual vão fundir todas as crenças religiosas, uma comunidade universal e invisível das almas religiosas. Trata-se de um verdadeiro ecumenismo baseado em um sincretismo no qual todos os dogmas importunos são velados pela exaltação da sensibilidade e da emoção.

Um Lassaulx considerava os pensadores da antiguidade como reveladores do verdadeiro Deus, assim como Moisés. Aos olhos de Lassaulx, Sócrates estava mais próximo de Cristo do que os homens do Antigo Testamento:

“As ideias cristãs que ele amava, declarou em seu túmulo o beneditino Haneberg, eram facilmente transportadas por ele para o paganismo que ele também amava.”

Suas ideias foram condenadas pela Santa Sé em 1861. Schelling havia seduzido muitos católicos com suas aulas, ensinadas em Munique e Berlim, que apareciam como uma insigne preparação para a Fé. Uma parte da Alemanha intelectual se aproximava do catolicismo, mas sem a preocupação de nele penetrar. Ela permanecia no limiar à espera de uma espécie de congresso das religiosidades.

O próprio Kant dava margem a uma interpretação mística. Era-lhe grato por ter rebaixado a razão pura:

“Somos-lhe devedores, escreve Eckartshausen, por ter provado que, sem revelação, nenhum conhecimento de Deus nem nenhuma doutrina sobre a alma era possível.”

Ao atacar a razão especulativa, ele havia confirmado o fideísmo dos Iluminados.

O pensamento de Novalis exerceu uma influência considerável sobre todos os românticos franceses. Eis como M. Lichtenberger resume seu ensinamento:

“Na origem, há o caos, inconsciente, amorfo, incoerente. Não há distinção entre o espírito e o corpo, não há separação entre os indivíduos. Depois, na sequência de um cataclismo que é para o universo o análogo do que o pecado original foi para o homem, eis que a Unidade primordial se rompe. É a origem da ilusão dualista que começa. Mas pouco a pouco a Natureza se acalma. Ela aspira à redenção. O Homem aparece. A ilusão dualista se dissipa progressivamente. As distinções estabelecidas entre a natureza e o espírito, entre a realidade e a ficção, entre a lei e o arbítrio, esmaecem, desaparecem. O caos renasce enfim, um caos que se compreendeu a si mesmo, um caos que se tornou consciente do que é, de sua natureza e de sua vida, um caos que se tornou ‘orgânico’, que se elevou à segunda potência, que sabe que é o desenrolar livre de um sonho de beleza.”

Eis um bom resumo da doutrina gnóstica, segundo sua última forma, aquela que será retomada e desenvolvida por Hegel. O caos, é o Pleroma de nossos Gnósticos. Ao se tornar consciente de si mesmo, ele realizou esse retorno à Unidade primordial cantado por todos os Gnósticos desde sempre. Para realizar isso,

“*nós aprendemos a arte dos milagres, diz-nos Novalis, nós evocaremos os desaparecidos, nós criaremos um mundo em vez de sofrer a lei do nosso. Nós nos tornaremos ‘magos’ e todo-poderosos!*”

Schlegel se esforça para fazer penetrar o romantismo iluminado da Alemanha nos cérebros franceses. Em suas *Obras em francês*, ele tenta conquistar para suas ideias Madame de Staël, que será a principal introdutora dos místicos alemães na França:

“*Contemple a Natureza, diz-lhe ele, volte em seguida para si mesmo, procure penetrar até o centro de si mesmo. Deus está em você; ele se deixa encontrar por almas puras, tais como a sua. Mas essa revelação é inefável. Assim que se tenta traduzi-la nestes termos abstratos, inventados para as ciências demonstrativas, tudo volta a ser confusão e obscuridade. Renuncie, portanto, à Teologia dogmática.*”

Ele explica o instinto dos animais como “uma emanção da natureza inteligente, da alma do mundo”. Em seguida, voltando-se contra a Igreja Católica, ele a insulta:

“*Eu vos deixo para sempre, tristes nazarenos, Discípulos de Saulo, vãos teólogos, Vossos sagrados autores judeus são para mim profanos, Pitágoras, Platão, os sublimes brâmanes São meus oráculos santos, intérpretes dos deuses, Minha bússola no mar e meu voo para os Céus.*”
(Schlegel: *Obras em francês*)

O Iluminismo maçônico

Através de sua iniciação, o iluminado libertou seu “eu interno”, essa “faísca” divina que é sua alma; ele alcança por uma “intuição” a compreensão profunda das coisas que se baseia em uma iluminação espiritual; ele finalmente possui uma relação excepcional “com os habitantes do mundo invisível”, um conhecimento (uma Gnose!), “uma visão íntima do princípio da realidade do mundo”; ele finalmente obteve um “conhecimento imediato com a divindade”; ele pode “contemplar sua imagem e falar seu idioma”. Para chegar a essa divinização, é preciso, acima de tudo, estudar seu coração, desconfiar de sua mente, rejeitar a razão discursiva. Então se sente a religião entrar em sua alma, se sente tornar-se “um verdadeiro anjo em espírito e verdade”.

Esse é o ensinamento de Claude de Saint-Martin, o fiel discípulo do judeu Martinez de Pasquallis, o fundador das lojas martinistas na França, o “filósofo desconhecido”, como gostava de se chamar. Sua grande obra, aquela que produziu a mais forte impressão em Joseph de Maistre, é *L'Homme de désir* (O Homem de Desejo). O Homem de Desejo deixa-se levar por sua aspiração ao divino. Ele se submete à simples fé, rejeita o uso dessa razão que desidrata a alma. “Os pensamentos mais dignos da imortalidade e os melhores são aqueles que nos vêm de repente e como por um raio”, nos diz Saint-Martin, em *L'Esprit des choses* (O Espírito das Coisas). Reservemos o uso de nossa razão para as coisas materiais.

Outro iluminado maçom, o sueco Swedenborg, fala a mesma linguagem:

“Diz ele, finalmente me foi concedido receber a fé sem raciocinar a respeito. A fé me apareceu como sendo muito acima dos pensamentos de minha inteligência. Então apenas eu encontrava a paz. Que Deus me fortaleça! Porque é obra Sua e tanto menos minha, já que meus pensamentos, até os melhores, retardam mais do que adiantam. É, portanto, um estado mais elevado. Eu me pergunto se não é o mais elevado, quando, por um efeito da graça, o homem não mistura mais sua inteligência com sua fé.”

Eis uma bela definição do Fideísmo. Observamos que, entre os iluminados, essa fé está vazia de todo conteúdo. Qual é a divindade para a qual se dirige a alma? Em lugar nenhum isso é especificado, pois, na verdade, se confunde com nosso próprio eu; já que nossos pensamentos são “raios” do divino que brotam espontaneamente em nossa alma. Longe dessa razão discursiva que sufoca em nós a intuição divinizante! Encontramos a mesma linguagem em todos os iluminados alemães e nos primeiros românticos do outro lado do Reno.

O homem de desejo é seduzido pela natureza selvagem, na qual deve mergulhar:

“Ele comumente encontra algo solene e majestoso em lugares solitários, cobertos de florestas ou regados por algum vasto rio; essas visões sérias e imponentes parecem aumentar seu domínio sobre ele quando os contempla na sombra e silêncio da noite” (Saint-Martin, *Ministère de l'Homme-Esprit*). Um tema querido por Chateaubriand.

Os iluminados seguem instintivamente Platão. Eles adotam seu Idealismo e Misticismo. Suas hipóteses mais audaciosas se adequam bem a suas doutrinas: pré-existência das almas e das ideias, mundo dos arquétipos, mito do andrógino. A eflorescência da teosofia, na época do Renascimento, é um retorno ao platonismo. Ela reaparece entre os iluminados do século XVIII com as práticas da Magia e Teurgia, retomadas dos neoplatônicos dos primeiros séculos. Os iluminados encontraram desde então outro mestre em Pascal. Seu jansenismo, seu fideísmo, seu desprezo pela razão combinam bem com a intuição divinizante do Eu.

“De todos aqueles que não tiveram a palavra da adivinhação, Pascal foi o que mais se distinguiu, mas, não tendo tido a chave para discernir o verdadeiro do falso, ele se esgotou em tudo defender.”

Saint-Martin, “o filósofo desconhecido”, esconde essa chave, apenas a menciona de passagem, mas continua:

“Leiam os *Pensées (Pensamentos)* de Pascal. Vocês não acusarão esse homem de ser um gênio medíocre; vocês não o acusarão de ignorar as ciências exatas. Bem! ele disse nos próprios termos o que eu lhes disse...”

A chave, a palavra da adivinhação, Saint-Martin sempre guardou em um profundo segredo. No entanto, uma vez ele quase a revelou. Veja este trecho de seu livro principal, *“Das Erreurs et de la Vérité”* (Dos Erros e da Verdade), no capítulo final intitulado *“Clef du Chiffre, universel”* (Chave da Cifra, universal):

“Que não posso depositar aqui o véu com o qual me cubro e pronunciar o nome... Mas, embora esse Ser inefável, a chave da Natureza, nunca deixe de apoiar o homem em todos os seus passos, como ele sustenta todos os atos do universo, o Nome que o tornaria mais conhecido seria suficiente, se eu o profetizasse, para que a maioria desprezasse acrescentar fé em suas virtudes e desafiasse toda a minha doutrina. Assim, designá-lo com mais clareza, seria afastar o objetivo que eu teria de honrá-lo.”

Então, compreendemos bem que o culto final de Saint-Martin é o da Serpente!

Esse adorador mais do que discreto da Serpente foi o mestre pensador de toda a constelação dos grandes românticos e Joseph de Maistre foi seu propagador mais zeloso e eficaz. Já em 1822, um opúsculo martinista o sinalizava:

“O senhor conde de Maistre presta uma justiça brilhante à doutrina teosófica na obra tão importante que coroou seus trabalhos. Pode-se até afirmar, sem medo de errar, que a solução de todas as questões importantes, tratadas nas *Noites de São Petersburgo*, foi extraída dos princípios e escritos de Saint-Martin.”

Lamartine encontrou um grande número de temas gnósticos em Claude de Saint-Martin, em particular a inexistência do mal e a redenção total ao final dos tempos:

“Como você, escreveu ele a Cazalès em 1833, sempre suspeitei que Saint-Martin tivesse sido iluminado por um belo raio de verdade divina” (16 de dezembro de 1833). Ele o estudou nas Noites de São Petersburgo; ele especifica que Joseph de Maistre era um escritor que leu Saint-Martin com fruto, Joseph de Maistre que nomeia Saint-Martin o mais sábio e elegante dos teósofos modernos .”

Alfred de Vigny se inspirou no hermetismo pseudo-místico de “Éloa” através da leitura de Joseph de Maistre, Fabre d'Olivet, Madame de Krüdener e Ballanche. Ele tirou a ideia de uma re-integração de Satanás e do Espírito (Éloa) em seu estado primitivo. Ele deve a eles um gosto extravagante por confusões espantosas entre os dogmas cristãos e os símbolos platônicos, entre o gnosticismo alexandrino e a fé cristã.

*“O Senhor contém tudo em seus dois braços imensos,
Sua palavra é o lar das nossas inteligências,
Assim como aqui na Terra o espaço é dos nossos corpos.”*

Não se enganem, o Senhor a que se refere aqui é a Natureza, não o Deus criador; é a fonte viva, o foco de energia espiritual da qual emanam as Ideias, as almas humanas e sua expressão conhecível, o Espírito, esse espírito que permanece sempre ligado à divina Mãe durante sua passagem pela Terra. Tudo isso é tirado de Saint-Martin através da leitura de Joseph de Maistre.

Podemos continuar essa influência profunda da doutrina martinista até os confins do Romantismo. Baudelaire ele mesmo, o satânico, não reconheceu essa doutrina na leitura das obras de Joseph de Maistre, que ele chamava, em seu entusiasmo, de “o grande gênio de nosso tempo” (carta a Toussenel)?

Lamennais

Finalmente, Lamennais se tornou o mestre pensador de toda a jovem geração romântica. Lamartine, Vigny e Victor Hugo todos passaram por La Chesnaie, a propriedade de onde Lamennais eletrizava almas belas, sedentas de belos sonhos. Eles encontraram nele os principais temas literários que ele havia desenvolvido após ler Joseph de Maistre. Já no segundo volume do “*Ensaio sobre a Indiferença em Matéria de Religião*” e especialmente em “*As Palavras de um Crente*”, em 1834, Lamennais desenvolve as grandes ideias tradicionalistas, vindas diretamente do martinismo e do iluminismo. Basta ouvi-lo:

“Arranquemo-nos, lê-se no Ensaio sobre a Indiferença, deste mundo dos corpos, fechemos os olhos, escondamos por um momento nossa alma das impressões dos objetos externos, que a enchiam de vãos fantasmas, a desviavam da

contemplação das realidades intelectuais e a faziam esquecer até sua própria natureza, ao desviá-la para o mundo dos corpos, passageira parte das ilusões que nos enganam sobre nosso ser verdadeiro, nós e nosso destino. Compreendamos que órgãos não são o homem, que a criação material não é mais que a sombra de uma criação mais nobre."

Todos esses temas são platônicos e já bem conhecidos: a criação, espelho de um mundo real, o das ideias arquetípicas, a ilusão dos sentidos e do corpo, etc.

“pela morte, a alma raptada quebra suas correntes...”

“Toda existência emana do Ser eterno, infinito, fonte fértil das realidades, tudo sai dele, tudo nele retorna” (Ensaio sobre a Indiferença).

Essas são as fórmulas clássicas de todo o panteísmo. Os grandes poemas humanitários do ciclo satânico, *“A Queda de um Anjo”*, *“A Divina Epopéia”*, *“Psique”*, *“Ahasverus”*, *“Prometeu Libertado”*, *“O Fim de Satã”* todos se originaram do ensino Lamenaiano. Em particular, as *Meditações Poéticas e Religiosas* de Lamartine não são mais que um desenvolvimento em versos do ensinamento de Lamennais. Christian Maréchal se deu ao trabalho de colocar lado a lado os textos Lamenaianos e as fórmulas de Lamartine. A semelhança é notável e os empréstimos são numerosos e incontestáveis.

Lamartine

Lamartine havia recebido em seu ambiente familiar uma boa educação cristã, complementada pelo ensinamento dos Padres da Fé, antigos jesuítas, no colégio de Bellay. No entanto, nota-se desde sua juventude uma necessidade excessiva de sonhar e de solidão, que vai provocar uma crise religiosa durante sua adolescência. Em seguida, ele retorna por algum tempo à prática religiosa. Mas sua viagem ao Oriente em 1832 provocou nele uma crise religiosa definitiva. Ele “queria seguir os passos de Cristo”. Ao retornar, ele abandonou a fé e a prática, tornou-se um admirador entusiasmado do Islã. Ele exalta o culto de Maomé:

“Não é apenas um culto muito filosófico”, disse ele em sua *Viagem ao Oriente*, “que inspirou apenas dois grandes deveres ao homem, a oração e a caridade; essas duas grandes ideias são, de fato, as mais altas verdades de nossa religião. O mahometismo deriva disso sua tolerância, que outros cultos excluíram cruelmente de seus dogmas [entenda-se, claro, a religião católica, com sua Inquisição, seu Índice e seu Santo Ofício]. Nesse aspecto, ele está mais adiantado no caminho da perfeição religiosa do que muitas religiões que o insultam e desconhecem... Na atividade religiosa, toda humana, toda prática,

toda ambiciosa, podemos facilmente deixar nosso lugar na mesquita..."

Ficamos atônitos diante da afirmação dessa tolerância do Islã. Era necessário que Lamartine tivesse os olhos singularmente fechados para não ver na Palestina e na Síria a destruição selvagem, há muitos séculos, de todas as comunidades cristãs, cujas ruínas cobrem o solo ou permanecem enterradas sob as areias.

Em 1838, ele conheceu Alfred de Vigny na casa dos La Grange. Ele afirma que os muçulmanos são mais civilizados do que nós "devido à caridade extrema entre eles" e Vigny responde estupefato: "No entanto, o Islamismo não é mais do que um Cristianismo corrompido, você concorda!" "Um Cristianismo purificado", responde com calor Lamartine.

Depois de seu amor pelo Islã, é preciso notar também a influência crescente nos meios românticos da filosofia hindu, ou do que se pensava dela na Europa:

“*“Eu também”, escreve ele a seu amigo Aymond de Virieu em 1838, “venho vivendo na filosofia há dez anos, mas a filosofia indiana eclipsa todas as outras.”*

Virieu o havia apresentado em 1824 ao barão d'Eckstein, que na época era chamado de “o barão sânscrito”. Foi o início de uma duradoura amizade:

“*“A Índia”, escreve Lamartine em 1856, “me revelou uma caridade mais alta do espírito humano, a caridade em relação à natureza inteira.”*

“Sonhos para sonhos”, diz ele em seu curso familiar, “preferiríamos sonhar com os brâmanes, esses teólogos filósofos da Índia primitiva, esses precursores da filosofia cristã [???].”

Além disso, o barão d'Eckstein, um judeu sueco convertido, havia lido tudo sobre Claude de Saint-Martin e conhecera a Índia por meio dos livros deste último, em particular na *“Introdução ao Ministério do Espírito Humano”*, publicado em 1802, que cita a Sociedade de Calcutá, fala dos Mahabharata e se refere aos trabalhos de Anquetil. Sempre que procuramos a fonte das ideias românticas, voltamos ao iluminismo dos maçons.

O Islã, o Oriente, o Budismo, mas especialmente Lamennais, são as verdadeiras fontes da poesia de Lamartine. Seu panteísmo é manifesto e abrange toda sua obra. Isso é algo que os críticos literários não viram claramente. Émile Faguet nos declara que Lamartine permaneceu cristão, “isso é incontestável”, com “uma inclinação e um hábito de espírito que o inclinam para o panteísmo”. Em seguida, ele cita dois versos famosos:

*“Limitado em sua natureza, infinito em seus desejos,
O homem é um deus caído que se lembra dos céus.”*

Ele declara que esses versos estão “em conformidade com as ideias cristãs”. No entanto, é incontestável que Lamartine não é mais cristão, que seu panteísmo é a base de seu pensamento e que se encontra nele toda a verbosidade gnóstica. O homem não é um deus de forma alguma. Ele não caiu; o nascimento é uma ascensão à existência; em seguida, ele não se lembra dos céus; isso é a tese dos platônicos sobre a reminiscência, mas não é de forma alguma o ensinamento cristão.

Já em suas primeiras meditações, Lamartine seguiu fielmente as ideias de Lamennais. Ele opôs “este mundo dos corpos”, esta “prisão vasta” onde ele deixava “errantes seus sentidos”, na qual “sua alma está apertada”, ao lugar sem horizonte, “ao mundo dos espíritos” em direção ao qual “ele sobe sem esforço”:

“Sim, minha alma se deleita em sacudir suas correntes
Pegue seu voo, ó minha alma, e desvista suas correntes.”

O meio mais eficaz para pegar seu voo e sacudir suas correntes não é, de fato, se suicidar?

Em “A Peregrinação de Harold”, Lamartine nos mostra um adorador da Natureza, encantadora, fértil, eterna, insensível, implacável. Adoração sombria de um deus formidável e cego:

“Natureza, finalmente, adeus!, grita Harold...
Minha voz em vão implora,
E você se evapora ao olhar que a adora.
Mas a morte, mais próxima, reunirá você
E o corpo e esses sentidos e o que pensa em mim...”

Lamartine havia resumido Platão em “A Morte de Sócrates”:

“Talvez, de fato, na imensa extensão
Em tudo o que se move, uma alma esteja difundida:
...
Que o Oceano, batendo em sua margem aterrorizada
Com suas ondas rugentes, rola uma alma irritada...
E que, finalmente, no céu, na terra, em todo lugar,
Tudo é inteligente, tudo vive, tudo é um deus.”

Podemos multiplicar os exemplos. Para que serve isso? Lamartine ensina que o mundo, o cosmo é divino, que nossas almas são centelhas divinas caídas na terra, aprisionadas em corpos, que elas devem libertar-se dessas correntes que são os corpos para subir novamente nesse mundo divino, mergulhando primeiro no seio da Natureza. Não é esse o essencial do ensinamento dos Gnósticos?

Os Alpes são para ele o templo tremulante onde se manifesta a divindade:

“*Oh, cumes das montanhas! ar puro! fluxo de luz!
Vento sonoro dos bosques, ondas da bruyère,
Onda calma dos lagos, fluxos empoeirados das torrentes..., etc.
Eu acreditava sentir Deus palpitando em meu coração!*”

Em 1836, surge “*A Queda de um Anjo*”. Lamartine nos diz em suas *Novas Confidências* que expõe nesse poema:

“*a história da alma humana e de suas transmigrações através de existências e
provações sucessivas desde o nada até a reunião ao centro universal, Deus.*”

O homem, por uma ascensão contínua, liberta-se pouco a pouco das antigas servidões nas quais ele inicialmente caiu. Sua Liberdade é o meio de sua libertação. Se ele a usa mal, ele se afunda mais na ganga da matéria. Se ele a usa bem, ele sobe em direção às formas purificadas do ser. Cédar, o anjo decaído, é o instrumento dessa reintegração. Ele se tornou fraco e ignorante após sua queda, mas não vicioso:

“*Nós seremos bons a todos, e para que nos amem,
Nós faremos aliança com os próprios leões,
Com o pássaro do céu e o inseto dos campos.*”

Em seguida, ele conduz o povo de Baalbek à revolta. É o Espírito do Senhor que sopra essas tempestades, escreve Lamartine a Hyde de Neuville em 1838.

Ora, Lamartine tomou emprestado todo o assunto de seu poema de Lamennais. Este último havia escrito em seu *Ensaio de Sistema de Filosofia Católica* o seguinte esquema:

“*A ideia de uma grande queda se encontra em toda parte na Índia e uma
imensa tristeza no fundo desse abismo onde o homem caiu. Tudo é
fundamentado em uma ideia fixa, a vontade firme, imutável de subir ao posto
glorioso de onde ele caiu. Mas isso se mistura a ideias fortes e antigas sobre a*

queda dos anjos, segundo as quais Deus prometeu aos espíritos decaídos que eles poderiam recuperar sua felicidade primitiva passando por graus de expiação. Essa ideia da queda dos anjos e de sua regeneração modificou a ideia da queda do homem e produziu a crença na transmigração das almas."

Lamartine se refere ao seu poema como uma "épica hindustânica" em uma carta a Virieu de 15 de fevereiro de 1836.

“Deus, Deus, Deus, mar sem margens que contém tudo em si,
Fogueira, da qual cada vida é a pálida faísca,
Bloco, do qual cada existência é uma humilde parcela,
Que ele viva sua vida eterna,
Completa, imensa, universal.”

*“A obra do Universo é apenas conhecer-se
(ou seja, conhecer que ele é divino, é a definição da Gnose)
Para aquele de quem o mundo é uma emanção
Tudo o que ele criou é apenas aspiração!
O eterno movimento que governa a Natureza
Não é nada além desse impulso de todas as criaturas
Para conformar seu caminho ao desígnio eterno,
E se fundir sempre mais profundamente em seu seio.”*

Reconhecemos nestes versos de “A Queda de um Anjo” as fórmulas gnósticas: emanção, faísca, conhecer (= Gnose), o seio de Deus, se fundir e todo o vocabulário habitual da seita. A Igreja não podia aceitar tal ensinamento e este poema, juntamente com o de “Jocelyn” que o completava, foi colocado no Índice. Ozanam já escrevera sobre isso em 1835:

“Este grande poeta é tão impressionável que, ao atravessar a Ásia, ele absorveu parte de suas ideias e tendências. Por força de otimismo e tolerância, ele obviamente sai da ortodoxia... É evidente que o céu da Palestina se refletiu com toda a sua intensidade na alma límpida (?) do poeta.”

Para concluir sobre Lamartine, observamos que ele adotou de Lamennais seu amor pelo Povo.

“A única forma teocrática que posso imaginar para o presente e o futuro é a Liberdade, onde o Homem apenas obedece a seu pensamento divino, apenas se governa segundo sua razão iluminada por sua inteligência. É essa a forma que

“você pressentiu junto com todos os homens de esperança”,

escreveu a Lamennais. De fato, acrescenta ele, a liberdade da imprensa “é a justiça divina manifestada pela palavra humana”.

Nesse contexto, é importante observar que todos os escritores românticos, mesmo um Chateaubriand que se dizia monarquista, exaltaram o Povo em um hino ininterrupto:

“Povo, tu és belo, tu és grande, tu és rei, tu és o reflexo de Deus, tu és o próprio Deus, tu nunca te enganas. Ó Povo, tu tens todos os direitos, tu não estás sujeito a nenhum dever. Apodera-te do que te pertence.”

Lamartine fez tudo para realizar essa deificação do Povo.

Ele até mesmo espera o dia em que todos os homens adorarão o mesmo Deus em todas as religiões e sob todos os símbolos. Talvez já saiba que este Deus não é outro senão o Grande Arquiteto do Universo para o qual todos os olhares convergirão quando ele aparecer como o Anticristo. Ele até mesmo anuncia isso:

“Eu vejo aproximar-se um século melhor, um século verdadeiramente religioso, onde, se os homens não confessam Deus na mesma língua e com os mesmos símbolos, pelo menos o confessarão em todos os símbolos e em todas as línguas” (Viagem ao Oriente).

É o ecumenismo da Torre de Babel.

Lamartine terminou em 1848 como líder de um governo revolucionário[6] composto apenas de maçons e isso foi a coroação de sua vida.

Victor de Laprade

Um poeta de Lyon, que teve seu momento de celebridade, publicou em 1841 uma paráfrase de “A Queda de um Anjo”, intitulada “Psique”.

Psique é a alma humana que cedeu a uma curiosidade culpável e foi excluída do céu. Veja esta distorção fundamental do Gênesis. Deus expulsou o homem do paraíso terrestre, mas não do céu, e portanto o homem não poderia ter a reminiscência de um mundo divino onde não havia permanecido anteriormente. Psique deve expiar na terra, através de “palingenesias” purificadoras, ou seja, renascimentos sucessivos, essa falta original. Eros, “o Amor”, seu amigo do céu, vai interceder por ela:

“Ó Pai, não é hora de ser clemente?”

A seguir, podemos imaginar o que acontece. O Pai proclamou a decisão clemente e justa. Psique é reintegrada ao Olimpo.

Laprade compreendeu bem a condenação de “Éloa”, assim como a de “A Queda de um Anjo”[7], e teve a astúcia seguinte para escapar da mesma condenação. Ele queria ensinar a mesma doutrina, então a transposou para a mitologia pagã. No seu Prefácio, ele escreve:

“A ideia deste mito de Psique é maravilhosamente conforme à metafísica cristã [enorme mentira que ele reconhecerá mais tarde como tal]. Por outro lado, o caráter profano do assunto deixa ao poeta toda a liberdade de que a imaginação precisa. Ao escolher sua base na mitologia pagã, uma base idêntica em essência às tradições do cristianismo [segundo mentira!!!], o autor tinha a vantagem de permanecer ao mesmo tempo no respeito por essas tradições e em plena liberdade de espírito.”

Não precisamos que ele nos diga. Por este texto, ele admite ingenuamente ou melhor, insinua que se permite usar as tradições do cristianismo da maneira que desejar, reivindicando a liberdade de tratá-las como bem entende, ou seja, de não as respeitar.

Mas, em 1857, Victor de Laprade voltou à fé de sua infância e reconheceu todo o erro que havia inspirado seu poema. No entanto, ele guardava dentro de si como o arrependimento de um belo sonho do qual precisava renunciar:

“Sonhar que o mal foi apagado da criação, ver ao final de todas as coisas o verdadeiro, o belo, o bem, restaurando o mundo inteiro e restituindo-lhe sua forma eterna, associar em larga medida a liberdade humana a esse trabalho do Infinito, tais hipóteses não devem deixar nenhum remorso à mente, se ela for obrigada a renunciar a elas.”

Veja a incoerência de um homem que reconhece seu erro, que dele renuncia e que continua a se deleitar nele. Satanás é singularmente poderoso em suas artimanhas para distorcer a inteligência e a vontade, e dar a suas mentiras o charme da Verdade.

E.C.

Notas

¹ N.T.: Werther é o protagonista do romance epistolar “Os Sofrimentos do Jovem Werther” (*Die Leiden des jungen Werther*), escrito por Johann Wolfgang von Goethe e publicado em 1774.

² N.T.: Fausto, um erudito frustrado com os limites do conhecimento humano, faz um pacto com Mefistófeles, o diabo. Em troca de sua alma, Mefistófeles promete realizar todos os desejos de Fausto e lhe proporcionar prazeres terrenos.

³ N.T.: A tradução literal desse termo é Tempestade e Ímpeto.

⁴ N.T.: Stürmer = Agitador/Provocador. No Capítulo intitulado “O abandono das moradias” em seu livro “Abreviado de Demonologia” Jean Vaquié fala sobre esse comportamento “gyrovague”. Recomendamos a leitura.

⁵ N.T.: “Ó Natureza... Onde tu és anjo, onde tu és natureza, como a natureza resplandece para mim!”

⁶ N.T.: Lamartine desempenhou um papel crucial na Revolução de 1848, que depôs a Monarquia de Julho e estabeleceu a Segunda República Francesa.

⁷ N.T.: Ambas escritas por Alfred de Vigny e posteriormente incluídas no *Index Librorum Prohibitorum* pelo Santo Ofício.

BIBLIOGRAFIA

- Auguste VIATTE: “*As Fontes Ocultas do Romantismo*” - Iluminismo - Teosofia, 1770-1820”. (2 vol. Champion, 1928). Totalmente notável. Apenas lamenta-se que o autor tenha misturado a esse meio ocultista a obra do Padre Augustin BARRUEL, cujo pensamento não compreendeu seriamente.

Sobre o Romantismo em geral:

- Pierre LASSERRE: “*O Romantismo Francês. Ensaio sobre a Revolução nos Sentimentos e nas Ideias no século XIX*”. (Calmann-Levy, 1928) Obra notável e fundamental.
- Cônego L. Cl. DELFOUR: “*Catolicismo e Romantismo*” (Lecène, Oudin, 1905)
- Cônego L. Cl. DELFOUR: “*A Devoção de Goethe*” (Aubanel, 1935), excelente.

Sobre o Romantismo alemão:

- Georges GOYAU: “*A Alemanha Religiosa. O Catolicismo*” (4 vol. Libr. Acad. Perrin, 1909-1910)

Sobre o amor romântico: o livro já célebre de

- Denis de ROUGEMONT: “*O Amor e o Ocidente*” (Plon, 1939), relaciona o amor novelesco aos Gnósticos e aos Maniqueístas e encerra sua exposição com um capítulo notável intitulado: “*Da Fidelidade*”.

Algumas monografias importantes:

- Christian MARECHAL: "*Lamennais e Lamartine*" (Bloud, 1907)
- Jacques HEUGEL: "*Ensaio sobre a filosofia de Victor Hugo do ponto de vista gnóstico*" (Calmann-Lévy, 1922)
- Claudius GRILLET: "*Victor Hugo, espírita*" (Desclée de Brouwer, 1935)
- Claudius GRILLET: "*O diabo na literatura no século XIX*" (Vitte, 1935) escrito em estilo alerta e frequentemente divertido, mas muito sério de fato.
- Louis VEUILLOT: "*Estudos sobre Victor Hugo. Introdução, notas e apêndices por Eugène Veuillot*" (V. Palmé, 1886) cheios de bom senso e humor.

Revision #6

Created 12 October 2026 13:34:16 by Admin

Updated 12 October 2026 17:38:15 by Admin